

ARTIGO 8 Original

CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO E ESTRESSE OCUPACIONAL ENTRE ENFERMEIROS HOSPITALARES

Roseany Patrícia Silva Rocha¹

Marília Duarte Valim¹

João Lucas Campos de Oliveira²

Antônio Cesar Ribeiro¹

<https://orcid.org/0000-0002-2295-5321>

<https://orcid.org/0000-0002-2746-1865>

<https://orcid.org/0000-0002-1822-2360>

<https://orcid.org/0000-0002-6147-0802>

Objetivo: verificar o estado de estresse ocupacional de enfermeiros hospitalares e a relação do estresse com características dos profissionais e do seu trabalho. **Metodologia:** estudo transversal. Foi realizado em hospital universitário do Centro-oeste do Brasil. A coleta de dados aconteceu no primeiro semestre de 2017, aplicando-se dois instrumentos: um para caracterização socioprofissional da amostra (n=85), e, a versão brasileira validada do Job Stress Scale. **Resultados:** os enfermeiros eram do sexo feminino (88,3%); Possuíam um vínculo empregatício (80%). Houve prevalência de trabalhadores que possuem alta demanda no trabalho (n=53; 62,2%) e alto controle (n=51; 60%), o que caracterizou maior proporção de trabalho ativo (35%). Não houve associação estatística significativa entre as características de trabalho e as classificações do trabalho. **Conclusão:** apesar de estarem expostos à alta demanda de trabalho, os enfermeiros referiram alto controle e suporte social ao labor, o que determinou maior concentração do trabalho ativo na amostra, logo, pouco estresse.

Descritores: Estresse ocupacional; Desgaste profissional; Enfermagem; Saúde do trabalhador.

CHARACTERISTICS OF WORK AND OCCUPATIONAL STRESS AMONG HOSPITAL NURSES

Objective: to verify the occupational stress state of hospital nurses and the relationship of stress with characteristics of professionals and their work. **Methodology:** cross-sectional study. It was held at a university hospital in the Midwest of Brazil. Data collection took place in the first semester of 2017, applying two instruments: one for the socio-professional characterization of the sample (n = 85), and the validated Brazilian version of the Job Stress Scale. **Results:** the nurses were female (88.3%); they had an employment relationship (80%). There was a prevalence of workers who have high demand at work (n = 53; 62.2%) and high control (n = 51; 60%), which characterized the highest proportion of active work (35%). There was no statistically significant association between job characteristics and job classifications. **Conclusion:** Despite being exposed to high work demand, nurses reported high control and social support to work, which determined higher concentration of active work in the sample, thus, little stress.

Descriptors: Occupational stress; Professional stress; Nursing; Worker's health.

CARACTERÍSTICAS DEL TRABAJO Y ESTRÉS OCUPACIONAL ENTRE LAS ENFERMERAS DEL HOSPITAL

Objetivo: verificar el estado de estrés laboral de las enfermeras del hospital y la relación del estrés con las características de los profesionales y su trabajo. **Método:** estudio transversal. Se llevó a cabo en un hospital universitario en el medio oeste de Brasil. La recopilación de datos tuvo lugar en el primer semestre de 2017, aplicando dos instrumentos: uno para la caracterización socio profesional de la muestra (n = 85) y la versión brasileña validada de la Escala de estrés laboral. **Resultados:** las enfermeras eran mujeres (88,3%); Tenían una relación laboral (80%). Hubo una prevalencia de trabajadores con alta demanda en el trabajo (n = 53; 62.2%) y alto control (n = 51; 60%), que caracterizó la mayor proporción de trabajo activo (35%). No hubo asociación estadísticamente significativa entre las características del trabajo y las clasificaciones del trabajo. **Conclusión:** a pesar de estar expuestos a una alta demanda de trabajo, las enfermeras informaron un alto control y apoyo social al trabajo, lo que determinó una mayor concentración de trabajo activo en la muestra, por lo tanto, poco estrés.

Descritores: Estrés laboral; Estrés ocupacional; Enfermería; Salud laboral.

¹Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT.

²Universidade Federal do Rio grande do Sul-UFRGS.

Autor correspondente: Roseany Patrícia Silva Rocha. E-mail: roseanyrocha1@gmail.com

INTRODUÇÃO

Por meio do trabalho o homem produz e reproduz sua existência, e, ao fazê-lo, estabelece relações sociais. Desta forma, o trabalho desempenha importante papel na vida social e histórica do ser humano, além de ser um meio de crescimento e construção de identidade pessoal, fato que impulsiona a conotação de satisfação vinculada ao trabalho, mas que, em alguns contextos, nem sempre é constante⁽¹⁾.

Como constituinte do trabalho em saúde, a enfermagem historicamente se organizou assumindo como núcleo central das suas práticas o cuidado de indivíduos, famílias ou coletividades, atendendo às necessidades de saúde no âmbito da sua promoção, como também, da prevenção e recuperação de doenças. Assim, a prática da enfermagem constitui-se em processo de trabalho, podendo ser particularizado em dimensões ou sub-processos na medida em que são compreendidos pelos distintos objetos, instrumentos, finalidades e produto, além de características peculiares entre a equipe de saúde como a comum institucionalização e a divisão sócio técnica do trabalho⁽²⁾.

A respeito da cisão hierárquica e técnica do trabalho de enfermagem, destaca-se o trabalho do enfermeiro que, segundo a Lei do Exercício Profissional de Enfermagem no Brasil, é detentor do saber e das prerrogativas universais do trabalho da enfermagem⁽²⁾. Portanto, lhe compete privativamente as atividades de organização/direção dos serviços de enfermagem, além do planejamento, organização, coordenação, e execução dos serviços assistenciais⁽³⁾.

Envoltos a demandas de trabalho intensas e também, condições laborais muitas vezes desfavoráveis, é comum que enfermeiros sofram os impactos das cargas de trabalho que lhe são impostas³. Isso porque, esses profissionais estão continuamente expostos a demandas emocionais diretamente ligadas ao sofrimento dos pacientes e familiares, sobrecarga de trabalho; falta de autonomia; baixo apoio institucional reconhecimento social; além de violências/agressões no trabalho⁽⁴⁾.

Dentre os principais efeitos nocivos da forma de agir e estar no trabalho em enfermagem pode-se apontar o estresse ocupacional como precursor e potencializador de agravos à saúde caracterizados como doenças ocupacionais, este, definido como uma reação psicofisiológica que se caracteriza com desequilíbrio entre o que é cobrado de uma pessoa pelo seu entorno social e a capacidade dela em responder a tal cobrança⁽⁶⁾. Destarte, cita-se como fatores contribuintes para o estresse ocupacional na enfermagem, a saber: a sobrecarga de trabalho, as interrupções frequentes durante o exercício laboral, trabalhar em horário noturno e a simultaneidade na execução de tarefas distintas⁽⁵⁾.

Outros estudos⁽⁶⁻⁸⁾ referem que o estresse ocupacional

traz efeitos nocivos como dores de cabeça, perda do sono, mau humor, ansiedade, depressão, irritabilidade, perda de peso potencializando, e também inclusive o aparecimento de doenças crônicas como Hipertensão Arterial (HA) e Diabetes Mellitus (DM). Ademais, a exposição prolongada aos agentes estressores no trabalho pode favorecer o desenvolvimento da síndrome do desgaste profissional ou Síndrome de Burnout⁽⁷⁾.

Postula-se que, na medida em que os fatores que podem levar à condição de estresse ocupacional são identificados, os estudos sobre as condições de trabalho são importantes no processo de gestão do trabalho, com ênfase na viabilização de melhorias, assertiva que justifica a execução de pesquisas neste escopo⁽⁸⁾.

Tal premissa culminou às seguintes perguntas: Qual o estado de estresse entre enfermeiros hospitalares? Existe relação entre estresse e características de enfermeiros hospitalares e do seu trabalho? Assim, objetivou-se verificar o estado de estresse ocupacional de enfermeiros hospitalares e a relação do estresse com características dos profissionais e do seu trabalho.

METODOLOGIA

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa.

Local do estudo

Foi realizado em um hospital universitário público de uma capital do Centro-oeste brasileiro. A instituição é referência em atenção de pré-natal de alto risco, em triagem neonatal (acompanhamento e tratamento), fibrose cística e doenças falciformes. Ainda, presta atendimento ambulatorial, serviço de apoio diagnóstico e terapêutico com demanda espontânea e referenciada, contando, para internação, com 119 leitos hospitalares.

População do estudo

No intuito de se atingir um senso, propôs-se que a população de estudo estivesse composta por todos (n=104) os enfermeiros pertencentes à instituição na época do estudo. Para definição da amostra, aplicou-se os critérios de inclusão: atuação na gerência ou assistência do referido hospital há pelo menos seis meses, e, presença em labor durante o período de coleta de dados. Do total de enfermeiros, quatro se recusaram a participar do estudo e outros 15 se encontravam em licença médica no período da coleta dos dados, o que resultou na amostra de 85 enfermeiros.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2017, por meio de dois questionários cuja aplicação foi feita na forma de entrevista pelo próprio pesquisador. O primeiro instrumento foi disposto em perfil sociodemográfico e profissional, e, acoplado a este, utilizou-se o questionário já validado "Critério Brasil de Classificação Econômica", da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), na sua versão 2017⁽⁹⁾.

O segundo instrumento aplicado foi o Job Stress Scale (JSS) traduzido Escala de verificação do grau de estresse ocupacional, que foi validado ao contexto brasileiro. Está organizado em três dimensões (demanda, controle e apoio social) e 17 itens, distribuídos em cinco para avaliar demanda, seis para avaliar controle e seis para o apoio social. Para todas as dimensões as opções de resposta dos itens são apresentadas em escala tipo Likert⁽¹⁻⁴⁾, em nível de concordância⁽¹⁰⁾.

Entre os itens que avaliam demanda, esses referem-se a aspectos como tempo e velocidade para realização do trabalho. Dentre as seis questões referentes ao controle, quatro refere-se ao uso e desenvolvimento de habilidades, e duas à autoridade para tomada de decisão dentro do processo de trabalho. Referente ao apoio social, seis questões referem-se sobre relações com os colegas e chefes⁽¹⁰⁾.

O referido instrumento classifica o estresse em quatro possibilidades de condição de trabalho, a saber: trabalho ativo, alta desgaste, baixa desgaste, trabalho passivo⁽¹⁰⁾. Os quadrantes "baixo desgaste" e "trabalho ativo" são mencionados na teoria de suporte ao instrumento como os de menor associação ao risco de adoecimento, e conduz para trabalhos ativos e menos danosos para a saúde mental, enquanto o quadrante "alto desgaste" acompanhado pelo "trabalho passivo" tem maior risco de adoecimento do indivíduo e o aparecimento do estresse⁽¹⁰⁾.

Análise dos dados

Os dados coletados manualmente foram transpostos para planilhas eletrônicas em dois bancos de dados, primeiramente no Programa Epidata 7.0, e, posteriormente analisados por meio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 13.0. As variáveis numéricas foram descritas por estatística descritiva, por medidas de tendência central e dispersão. As variáveis categóricas foram apresentadas por frequência absoluta e relativa.

Para definição dos quadrantes de exposição ao estresse e a definição dos valores altos/baixos, atribui-se o ponto de corte da mediana dos escores encontrados para cada uma das dimensões. Ou seja, os dados dos escores relativos à demanda psicológica, controle e apoio social evidenciam

pontuação mínima e a máxima, e é preciso utilizar a mediana para que os valores acima da mediana sejam considerados como altos e abaixo da mediana considerados baixos. Vale destacar que alto controle e suporte são considerados positivos, e, alta demanda, negativo, na interpretação do estresse ocupacional⁽¹⁰⁾.

Para inferência estatística sobre os dados utilizou-se a associação bivariada dos quadrantes que evidenciam o estresse ocupacional, sendo eles o trabalho ativo, alto desgaste, trabalho passo e baixo desgaste com as variáveis sexo, estado civil, filhos, chefe de família, natureza do vínculo, carga horária semanal, turno de trabalho, segundo vínculo, agravo/doença, doença ocupacional, acidente de trabalho e lazer. Para isso, empregou-se teste de Qui-quadrado.

Aspectos éticos

O estudo cumpriu com todas as exigências que regem as pesquisas com seres humanos. A respeito disso, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa institucionalizado, recebendo parecer de nº 1796.973/2016 e protocolo de CAAE: 59166116.7.0000.5541.

RESULTADOS

Na caracterização quanto ao sexo, conforme demonstrado, obteve-se a predominância de mulheres (n=75; 88,2%). Em relação à idade, destaca-se a faixa etária de 24 a 34 anos, com 47 (55,3%) sujeitos, seguida pelas faixas etárias de 35 a 45 anos (n=25; 29,1 %); e de 45 a 59 anos (n=13; 15,6%).

No que se refere ao estado civil, 42 trabalhadores (49,4%) declararam a condição de casado/união estável, e 43 (50,6%) vivem sem a presença do companheiro(a). Em que pese a condição de presença de filhos, 48 (56%) declararam ter filhos, sendo que destes, 20 (43,5 %) afirmaram ter apenas um filho. Verificou-se que a maior proporção de enfermeiros (n=49; 57,6 %) que afirmaram ser o chefe da família, seguido de 36 (32,9%) que referiram ser o esposo (a) ou outros.

Quanto à classificação econômica, os enfermeiros foram classificados de modo mais expressivos nos níveis B2 e B1, com 37 (43,5%) e 25 (29,4%) trabalhadores, respectivamente. Nove enfermeiros (10,7%) foram classificados no nível A e 14 (16,4%) no nível C.

Adiante, os dados da Tabela 1 ilustram a caracterização de vínculo de trabalho entre outras informações atinentes ao perfil profissional dos enfermeiros.

Tabela 1 – Distribuição das características relacionadas ao trabalho entre enfermeiros de um hospital universitário público. Cuiabá, MT, Brasil, 2017. (n=85).

Variáveis	Categorias	n	%
Natureza do vínculo	Concurso Público	15	17,6
	Celetista	70	82,4
Jornada de Trabalho Semanal	30h	15	17,6
	36h	70	82,4
Regime de Trabalho	Diarista	53	62,4
	Plantonista	32	37,6
	Manhã	28	32,9
	Tarde	18	21,1
Turno de Trabalho	Noite	2	2,3
	Integral dia	9	10,5
	Noite 12/60	5	5,8
	Noite 12/36	23	27,4
Função que Exerce	Assistencial	80	94,1
	Gerencial	5	5,9
Segundo Vínculo empregatício	Sim	16	18,8
	Não	69	81,2
Terceiro Vínculo empregatício	Sim	1	1,2
	Não	84	98,8

Com a definição dos escores provenientes da JSS observou-se que 53 (62,2%) enfermeiros percebem-se na condição de alta demanda. Em contrapartida, 51 (60%) dos trabalhadores acreditavam ter alto controle sobre o trabalho. Ademais, o apoio social encontrou-se alto no grupo de enfermeiros entre 48 (55,2%) trabalhadores, o que significa um fator positivo na relação Demanda versus Controle (Tabela 2).

Tabela 2 – Valores mínimos, máximos, mediana e percentual > que mediana, por domínios Demanda, Controle e Apoio social da Job Stress Scale. Cuiabá, MT, Brasil, 2017.

Domínios da Job Stress Scale	Mínimo	Máximo	Mediana	Percentual (%) > mediana
Demanda	8	20	15	62,2
Controle	13	23	18	60,0
Apoio social	9	24	19	55,2

Com os dados supracitados foi possível estabelecer a classificação ao nível de estresse ocupacional – por tipo de trabalho –, na qual o gráfico a seguir mostra a classificação encontrada no presente estudo (Figura 1).

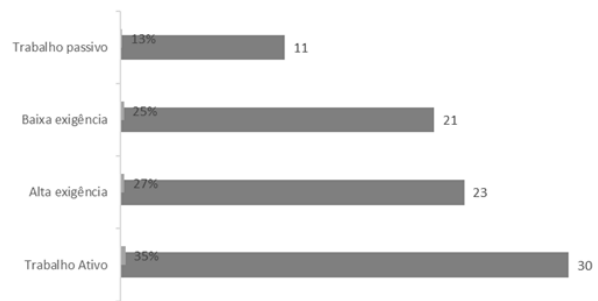


Figura 1 – Distribuição dos tipos de trabalho percebidos pelos enfermeiros acordo com o modelo Demanda-Controle (n=85). Cuiabá, Brasil, 2017.

A inferência estatística dos quadrantes que evidenciam o estresse ocupacional, com as variáveis do perfil sociodemográfico e características do trabalho mostrou que não existe associação dos grupos testados.

DISCUSSÃO

No presente estudo, o perfil sociodemográfico é semelhante a de outras pesquisas realizadas com enfermeiros no Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e em Portugal, onde predomina o sexo feminino, e esse fato está relacionado com o fator histórico da profissão de enfermagem e a crescente representação da mulher no mercado de trabalho e na sociedade^(11,15).

O conjunto dos enfermeiros é constituído por uma população relativamente jovem, com idade distribuída entre 24 e 55 anos, com a predominância das menores faixas etárias. A predominância das faixas etárias mais jovens entre enfermeiros foi encontrada em outras pesquisas⁽¹²⁻¹⁴⁾. Talvez, esse é um dado que possa justificar o baixo nível de estresse encontrado no estudo, uma vez que o tempo pode ser um fator a aumentar a exposição do trabalhador à desgastes próprios do ambiente laboral, inegáveis no trabalho da enfermagem.

No que se refere à condição civil, o conjunto de enfermeiros declarou-se predominantemente na condição casado(a) (n=42; 49,4%). Tal resultado se aproxima aos resultados com trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários do Rio Grande do Sul, com percentuais de 70,2% e 76% de casado(as) e ou em situação similar, respectivamente⁽¹⁵⁾.

Sobre possuir ou não filhos, 48 (56%) enfermeiros responderam positivamente. Quando perguntado sobre quem é o chefe da família, predominou a autodeclaração, como sendo o próprio entrevistado, concentrando 49 (57,6%) trabalhadores. Assim, foi destacado que os profissionais de enfermagem em estudo predominantemente eram os que mantinham a sua casa. Neste escopo, deve-se ressaltar que a dificuldade inerente do ambiente de trabalho somada as atribuições de cuidar do lar, dos filhos – atribuições ainda

muito delegadas com maior ênfase à mulher – e prover a casa pode ser desgastante para a saúde física e mental desses indivíduos.

A respeito do turno de trabalho, identificou-se que a maior parte dos enfermeiros (n=55; 64,71%) cumprem suas atividades laborais durante o dia, seguida do trabalho noturno 30 (35,29%). Cabe discutir que funções do enfermeiro exercidas durante o dia já foram descritas como atividades mais exaustivas e que demandam maior atenção aos pacientes com relação a sua higiene, preparo e administração de medicações, coordenação da equipe, funções gerenciais, gerando do maior demanda de trabalho, podendo então acarretar problemas tanto de ordem física, quanto mental⁽¹⁶⁾.

Quanto ao número de vínculos empregatícios, 16 (18,8%) declararam outro emprego, o que para literatura é um fator negativo para a saúde do profissional de enfermagem, considerando que duplas e extensas jornadas de trabalho são fatores de risco para acidentes de trabalho, doenças crônicas como hipertensão arterial (HA), problemas musculoesqueléticos, fadiga e estresse⁽¹⁷⁾. Isso também é uma sinalização para reflexão da valorização social do trabalhador de enfermagem, especialmente confrontando-se à classe social B2 constatada com maior prevalência (n=37; 43,5%), em outras palavras, possivelmente parte dos trabalhadores precisa aderir a duplas jornadas para galgar melhores posições socioeconômicas.

O fato da predominância dos enfermeiros deste estudo declararem possuir único vínculo empregatício pode estar relacionado à classificação econômica, que no geral, se corresponde com remuneração razoável somada à estabilidade no emprego intermediada pelo tipo de instituição empregadora. Portanto, acredita-se que esse dado, por si só, permeia uma vasta contribuição do estudo pois ratifica a importância da viabilização de melhores condições de trabalho para a enfermagem como algo indissociável à própria qualidade da produção do cuidado humano.

Considerando a predominância do trabalho ativo e baixa exigência (60%) entre os enfermeiros, considera-se que o alto estresse ocupacional, a princípio, parece não ser uma condição vivenciada pela maioria dos entrevistados. Apesar disso, destaca-se a alta demanda psicológica apontada, o que, segundo estudo realizado em hospital universitário na Suécia demonstra que (64%) de 908 profissionais de enfermagem estiveram expostos a altas demandas psicológicas resultando em fator deletério a sua saúde⁽¹⁸⁾.

A condição de trabalho ativo (altas demandas psicológicas e alto controle sobre tomadas de decisões) e um alto apoio social representa um risco menor de adoecimento físico e mental, pois ainda que existam demandas excessivas essas são consideradas menos danosas para a saúde do trabalhador

que consegue ter domínio, planejamento, organização de suas atividades laborais. Verificou-se também essa condição de trabalho em outras investigações^(18,19), fato que possivelmente sinalize que, apesar da elevada demanda comumente imposta à equipe de enfermagem, essa consegue encontrar meios para elaborar isso e não repercutir em piores percepções sobre o estresse ocupacional.

Pode-se considerar como alta demanda de trabalho destes profissionais as questões relacionadas ao déficit no quadro de pessoal, alta responsabilidade relacionada às competências ético-legais, pressão do tempo, serviços de alta complexidade, pressão da equipe e gestão, falta de autonomia somado ao baixo apoio e reconhecimento social, violências/agressões no trabalho. Conforme referido em outros estudos, tais demandas representam um alto risco de adoecimento físico e mental do trabalhador^(14-16,20).

Os enfermeiros entrevistados apresentaram alto controle, considerando que possuem autonomia nas tomadas de decisões, uso da criatividade e do desenvolvimento individual para a realização do processo de trabalho em saúde, aspectos característicos que são benéficos para sua saúde mental no trabalho^(16,17). Segundo a teoria Demanda versus Controle, o estresse ocupacional é desencadeado quando o indivíduo não consegue manter o controle sobre sua prática, podendo apresentar um trabalho de alta exigência ou passivo, que converge para o adoecimento ou ao distanciamento de suas atividades laborais⁽²⁰⁾.

Vale destacar que o controle sobre o ambiente de trabalho foi recentemente constatado como algo que se difere em relação ao tipo de hospital (público X privado). Deve-se considerar o trabalho de alta exigência (baixo controle e alta demanda), que representa um elevado risco de adoecimento físico e mental para a saúde do trabalhador e foi o segundo mais apontado entre os enfermeiros (n=23; 27%). A partir dos processos de trabalho desse profissional, que inclui cuidar/assistir, gerenciar/administrar, pesquisar, ensinar e participar politicamente⁽²⁾ pressupõe-se que o mesmo vivencie uma condição de alta exigências/demandas. Portanto, ações que possam atenuar essa situação (como por exemplo, aumentar o controle sobre o trabalho) precisam ser continuamente (re) planejadas por gestores de enfermagem e saúde, além das entidades de classe.

Aponta-se que os fatores de origem ocupacional, sobretudo aquelas relacionadas à assistência prestada ao paciente, como as de maior significância para alta demanda vivenciada pelos profissionais de enfermagem⁽²¹⁾. Portanto, há de se considerar que apesar da totalidade dos dados representar uma nuance positiva sobre o estresse ocupacional, 30% dos enfermeiros sofrem com alta demanda somada ao baixo controle sobre o planejamento e a execução

das atividades, o que talvez possa diminuir ou ausentar a autoridade, e ter efeitos desfavoráveis sobre a autoestima e a satisfação no trabalho.

Outra condição de trabalho nociva, é aquela caracterizada como trabalho passivo (baixo controle e baixa demanda), que representou 13% entre os enfermeiros. Os enfermeiros que declararam vivenciar a condição de trabalho passivo, estão mais expostos frente à possibilidade de adoecimento, já que o ambiente de trabalho fica caracterizado como pouco motivador, passivo e indiferente, levando a ausência da capacidade de solucionar problemas, altos níveis de tédio, e possibilidade aprendizagem negativa⁽²⁰⁾.

Entre os profissionais de enfermagem estudados em um hospital universitário do Rio Grande do Sul, houve predominância do trabalho passivo para (29,9%) dos trabalhadores de enfermagem, dados esses que competem com os resultados de outro estudo realizado em um hospital Italiano com 217 enfermeiros, onde foi observado que 80 (34%) da população estudada vivenciavam a condição de trabalho passivo^(19,20).

Quanto à baixa exigência (baixa demanda e alto controle), 21 (25%) dos enfermeiros entrevistados se encontraram nesta condição, o que é o desejável, pois permite ao trabalhador maior autonomia, criatividade, uso de suas habilidades sobre o processo de trabalho⁽¹⁵⁾.

A condição de baixa exigência foi observada em (49%) dos trabalhadores de uma unidade de terapia intensiva¹⁵, o que corrobora com resultados de um outro estudo que investigou equipes de enfermagem de um hospital universitário, revelando que (46,7%), se encontravam predominantemente na mesma condição⁽¹⁸⁾.

O apoio social encontrou-se em 48 (52,2%) enfermeiros, o que significa um fator positivo na relação demanda versus controle. Esse resultado configura-se um fator protetor para o trabalhador que vivencia a alta exigência, pois o apoio de chefes e colegas de trabalho é considerado um aspecto psicossocial capaz de amenizar, proteger esses indivíduos das influências negativas advinda do estresse ocupacional⁽¹⁹⁾.

Em investigações realizadas com trabalhadores de enfermagem em hospitais públicos brasileiros verificou-se que, quanto maior o apoio social recebido pelos chefes e colegas e tempo de trabalho na instituição, menor foi a percepção das condições de trabalho considerada desgastantes para o trabalhador^(19,20).

Ante o exposto, fica evidente que a somatória: melhor apoio social com o alto controle no trabalho pode evidenciar menores níveis de estresse ocupacional, conforme atestado

nesta pesquisa. Todavia, alvitra-se à necessidade de revisão a respeito das questões relacionadas às demandas laborais dos enfermeiros.

Limitações do estudo

A limitação deste estudo refere-se ao reduzido n (85), que não permitiu a realização da análise inferencial. Outra limitação, considerada como instrumental, está no instrumento Job Stress Scale (JSS) que, por ser genérico, não considera aspectos específicos do trabalho da enfermagem. Neste sentido, sugere-se a realização de outros estudos com uma população maior e que avaliem aspectos não considerados neste estudo.

Contribuições para a prática

Este estudo pretende suscitar novas reflexões acerca do estresse ocupacional, principalmente sobre o impacto desta condição na organização do trabalho, na vida dos profissionais e na satisfação dos usuários atendidos; bem como a busca de novas estratégias para prevenção e para acompanhamento desses profissionais afetados e, assim a criação de novas estratégias para enfrentamento da doença e melhora na qualidade vida.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, apesar de estarem expostos à alta demanda de trabalho, os enfermeiros referiram elevado controle e suporte social no labor, o que determinou maior concentração do trabalho ativo na amostra, logo, menor nível de estresse ocupacional. Isso pode significar que as demandas (cargas) de trabalho sejam o foco para a melhoria de condições laborais.

Destaca-se que a impossibilidade de generalização é a principal limitação da presente investigação. Contudo, acredita-se que o estudo traz contribuições relevantes, pois ao caracterizar as condições de trabalho por meio dos prognosticadores que definem a relação demanda, controle e apoio social, permite-se que os gestores e os próprios trabalhadores busquem medidas para amenizá-los e, assim, melhorar a qualidade de vida no trabalho, incluindo a redução do estresse ocupacional.

Contribuição dos autores

Concepção e desenho, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica, revisão final: Roseany Patricia Silva Rocha; Marília Duarte Valim; João Lucas Campos de Oliveira; Antônio Cesar Ribeiro.

REFERÊNCIAS

1. Duarte JMG, Simões ALA. Significados do trabalho para profissionais de enfermagem de um hospital de ensino. *Revista de Enfermagem UERJ*. [Internet] 2015 [cited 2019 Jan 1] 23(3):388-94. Available from: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6756/13780>
2. Leal JAL, Melo CMM. Processo de trabalho da enfermeira em diferentes países: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*. [Internet] 2018 [cited 2018 Jan 01] 71(2):441-52. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt_0034-7167-reben-71-02-0413.pdf
3. Carvalho PC, Rocha LP, Tomaszewski B, Dias JS, Schallenger CD. Cargas de trabalho e a saúde do trabalhador de enfermagem: revisão integrativa. *Cogitare Enfermagem*. [Internet] 2017 [cited 2019 June 01] 22(1): 01-11. Available from: <http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wp-content/uploads/sites/28/2017/03/46569-194206-2-PB.pdf>
4. Puerto JC, Soler LM, Montesinos MJL, Marcos AP, Chorda VMG. Uma nova contribuição para a classificação dos fatores estressores que afetam os profissionais de enfermagem. *Revista Latino Enfermagem*. [Internet] 2017 [cited 2018 Dez 02] 25:2895. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2895.pdf
5. Silva FG, Andrade AP, Ponte KMA, Ferreira VES, Sousa BS, Gonçalves KG. Predisposição para síndrome de Burnout na equipe de enfermagem do serviço de atendimento móvel de urgência. *Enferm Foco*. [Internet] 2019 [cited 2019 Jun 01] 10 (1): 40-45. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1600/491>
6. Filho IMM, Almeida RJ. Estresse ocupacional no trabalho em enfermagem no Brasil: uma revisão integrativa. *Rev Bras Promoç Saúde*. [Internet] 2016 [cited 2019 Jan 01] 29(3): 447-454. Available from: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4645/pdf>
7. Kestenberg CCF, Felipe ICV, Rossone FO, Delphim LM, Teotonio MC. O estresse do trabalhador de enfermagem: estudo em diferentes unidades de um hospital universitário. *Rev enferm UERJ*. [Internet] 2015 [cited 2018 Feb 01] 1(23) 45-51. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v23n1/v23n1a08.pdf>
8. Carleto TC, Moura RCD, Santos VS, Pedrosa LAK. Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet] 2018 [cited 2018 Jan 01] 20:20-01. Available from: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/43888/25414>
9. ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (2017) Critérios de Classificação Econômica Brasil. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>
10. Scholze AR, Martins JT, Robazzi MLCC, Haddad MCFL, Galdino MJO, Ribeiro RP. Estresse ocupacional e fatores associados entre enfermeiros de hospitais públicos. *Cogitare Enferm*. [Internet] 2017 [cited 2019 Jan 01] (22)3: 50-238. Available from: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/50238>
11. Machado MH, Filho WA, Lacerda WF, Oliveira E, Lemos W, Wermelinger M, Vieira M. Características gerais de enfermagem: O perfil sócio demográfico. *Enferm Foco*. [Internet] 2016 [cited 2018 Jan 01] 6(14):11-17. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686/296>
12. Warm FA, Pinto MAO, Schiavenato D, Ascari RM, Trindade LL, Silva OM. Risco de adoecimento dos profissionais de enfermagem no trabalho em atendimento móvel de urgência. *Rev. Cuid.* [Internet] 2016 [cited 2018 Nov 02] 7(2)12, 81-96. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/cuid/v7n2/v7n2a06.pdf>
13. Roque H, Veloso A, Silva I, Costa P. Estresse ocupacional e satisfação dos usuários com os cuidados de saúde primários em Portugal. *Ciência & Saúde Coletiva*. [Internet] 2015 [cited 2018 Jan 01] 20(10): 377-397. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232015001003087&script=sci_abstract&tlng=pt
14. Ribeiro RP, Marziale MHP, Martins JT, Galdino MJO, Ribeiro PHV. Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário. *Rev Gaúcha Enferm*. [Internet] 2018 [cited 2018 Dez 02] 39: 65 (12). Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rge/v39/1983-1447-rge-39-e65127.pdf>
15. Azevedo BDS, Nery NA, Cardoso JP. Estresse ocupacional e insatisfação com a qualidade de vida no trabalho da enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. [Internet] 2017 [cited 2018 Dez 02] 26(1)394. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n1/pt_1980-265X-tce-26-01-e3940015.pdf
16. Matos AIS, Araújo TM, Almeida MMG. Interação entre demanda-controle e apoio social na ocorrência de transtornos mentais comuns. *Rev Saúde Pública*. [Internet] 2017 [cited 2018 Dez 02] 5:148. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006446.pdf
17. Chin DL, Nam S, Lee SJ. Occupational factors associated with obesity and leisure-time physical activity among nurses. A cross sectional study. *Int J Nurs Stud*. [Internet] 2016 [cited 2019 May 01] 57: 60-69. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4871118/>
18. Alves MGM, Braga VM, Faerstein E, Lopes C, Junger W. Modelo demanda-controle de estresse no trabalho. Considerações sobre diferentes formas de operacionalizar a variável de exposição. *Cad. Saúde Pública*. [Internet] 2015 [cited 2019 Jan 01] 31(1): 208-212. Available from: http://www.scielo.br/pdf/csp/v31n1/pt_0102-311X-csp-31-01-00208.pdf
19. Negrinho NBS, Malaguti-Toffanoll SE, Reislll RK, Pereira MVP, Gir E. Fatores associados à exposição ocupacional com material biológico entre profissionais de enfermagem. *Rev Bras Enferm*. [Internet] 2017 [cited 2019 Jan 01] 7(1)126-31. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n1/0034-7167-reben-70-01-0133.pdf>
20. Pisanti R, Doef MVDD, Maes S, Meier LL, Lazzari D, Violani C. How Changes in Psychosocial Job Characteristics Impact Burnout in Nurses. A longitudinal Analysis. *Frontiers in Psychology*. [Internet] 2016 [cited 2019 Jan 01] 7(1): 10-32. Available from: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2016.01082/full>
21. Matos AIS, Araújo TM, Almeida MMG. Interação entre demanda-controle e apoio social na ocorrência de transtornos mentais comuns. *Rev Saúde Pública*. [Internet] 2017 [cited 2019 Jan 01] 5:148. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006446.pdf